

BOLETIM Ô DE CASA!

Informativo Casa da Mulher do Nordeste | Dezembro de 2025



A Caatinga é um bioma que respira vida, abriga diversidade e ensina sobre resistência. Ela mitiga os efeitos das mudanças climáticas e fortalece a convivência com o semiárido, revelando que a força do sertão nasce do equilíbrio entre o cuidado, adaptação e resiliência.

A Casa da Mulher do Nordeste (CMN) sempre caminhou ao lado da Caatinga, construindo, de forma estratégica, caminhos para mantê-la viva, pulsante e inspirando esperança.

Foi desse compromisso que nasceu o **Caatinga Viva**, um projeto que fortalece a articulação territorial das ações voltadas à preservação do bioma e à mitigação das mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que promove o enfrentamento das violências de gênero, o incentivo à agroecologia e o trabalho em rede

A parceria com o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), através do



Fundo ECOS garantiu que essas práticas ganhassem vida. No território do Pajeú, foram desenvolvidos 10 projetos em 7 associações: Feijão e Posse, Minadouro, Apomel, Associação Agroecológica Sertão do Pajeú (AASP), Grupo de Mulheres de Fortuna, Grupo de Mulheres de Bom Sucesso e Associação Agroecológica do Pajeú (ASAP). Além delas, três organizações parceiras também integram essa rede: Cecor, Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e Diaconia.

Com os recursos do ISPN, as associações impulsionaram ações que fortalecem os quintais produtivos das mulheres, a recuperação de matas ciliares (áreas próximas aos rios destinadas ao reflorestamento), o beneficiamento de frutas, produção de pães, doces e bolos, a Escola Feminista, a meliponicultura, entre tantas outras práticas que mantêm a Caatinga viva.

Como uma chuva que renova a vida do bioma, as mulheres também se fortalecem. Porque quando a Caatinga floresce, as mulheres florescem junto, e com elas, todo o território.



Para Gorete Nunes, do Cecor, o projeto representou uma virada importante:

“O Caatinga Viva foi uma oportunidade para as famílias do Quilombo Catolé se integrarem às diferentes ações na comunidade local e em outros espaços de articulação política. Fortaleceu as atividades das famílias e a organização comunitária, através de formações, intercâmbios e práticas agroecológicas.”

Segundo ela, a experiência também revelou um avanço significativo na autonomia e na participação das mulheres. Muitas ainda eram tímidas no conhecimento de seus direitos, mas, por meio das formações, conseguiram compreender melhor seus papéis, aprenderam a reivindicar o que lhes é de direito e passaram a se envolver mais nas atividades do projeto.

Joana Dark, da ASAP, também comentou sobre como a participação feminina foi transformadora. Com os galinheiros, houve aumento de renda e mais autonomia conquistada nas formações de gênero e nas capacitações para tratoristas. Muitas mulheres que antes tinham vergonha ou medo de se expressar, encerraram as formações com mais segurança, destacando-se e assumindo papéis de liderança. Essa trajetória fortaleceu não apenas a comunidade, mas também o protagonismo político das mulheres. Além disso, houve melhorias na produção, tanto na mão de obra quanto nas condições ambientais, já que agora não é mais necessário o uso de tratores grandes. Essa adaptação aumentou o rendimento, fortaleceu os grupos e despertou o interesse de mais mulheres, que passaram a participar ao ver os resultados concretos.

Para a Rede de Mulheres do Pajeú, o projeto apoiado pelo Fundo Ecos foi essencial para reafirmar o protagonismo feminino a partir dos quintais produtivos. Como afirma Apôlonia Gomes, Educadora Social e Técnica em Agroecologia e Tecnóloga em Gestão Ambiental.

“O projeto possibilitou que as mulheres envolvidas se reconhecessem enquanto protagonistas, entendendo o quintal não apenas como um espaço de produção de alimentos livres de agrotóxicos, mas também como um território de construção de cidadania e valorização de saberes.”

A Rede destacou ainda que o Caatinga Viva trouxe para o centro do debate a importância de uma assistência técnica voltada para a realidade das mulheres, considerando que a maioria das atividades desenvolvidas nos quintais é feita por elas. Os principais objetivos foram fortalecer as práticas de produção agroecológica, melhorar a infraestrutura produtiva e contribuir para a soberania e segurança alimentar; ampliar os espaços de comercialização e divulgação das experiências produtivas; e capacitar mulheres em gestão coletiva, ampliando a ação em rede.

MUDANÇA EM TODA A COMUNIDADE

Para Pedro Ivo, da APOMEL, o projeto também despertou uma consciência coletiva sobre o papel da comunidade na preservação da Caatinga e na sustentabilidade da produção.



“As formações trouxeram muito aprendizado. Homens e mulheres da associação participaram ativamente, e as capacitações de manejo e de manipulação dos produtos despertaram o interesse de novas mulheres, especialmente daquelas que antes apenas acompanhavam seus companheiros apicultores.”

Os resultados, segundo ele, já podem ser vistos no dia a dia: há uma melhor divulgação da Associação do Mel, maior reconhecimento e um entendimento mais profundo sobre produção sustentável e preservação ambiental. O projeto fortaleceu os grupos, ampliou as parcerias e proporcionou um enorme aprendizado coletivo.

Com os novos equipamentos, a associação ganhou mais segurança e qualidade no trabalho de campo, agora contam com luvas, indumentárias e materiais adequados para capturar enxames e realizar as atividades com profissionalismo.

E A SEMENTE SEGUE GERMINANDO...

O Fundo ECOS – Caatinga Viva deixou marcas profundas no semiárido. Ao longo de dois anos, o projeto semeou autonomia, organização e esperança, impactando mulheres, comunidades e associações de forma transformadora. O encerramento das atividades não marca um fim, mas sim o início de uma continuidade, com ações que seguem florescendo na vida das organizações e no cotidiano das famílias no território do Sertão do Pajeú em Pernambuco

O projeto foi avaliado de forma extremamente positiva. Para muitas organizações, ele

consolidou a importância do coletivo e da parceria, possibilitando a realização de ações além das metas iniciais. Como afirmou Gorete Nunes do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR)

“A flexibilidade na execução e o suporte contínuo do ISPN permitiram que novas demandas fossem incorporadas, ampliando o alcance do projeto. A continuidade se dará por meio de ações de incentivo à produção, às feiras e às práticas agroecológicas, em colaboração com instituições como a UFRPE-UAST, sindicatos e órgãos públicos locais”.

Entre os legados mais significativos está a valorização da autonomia das mulheres e do conhecimento local. Mulheres quilombolas reforçaram seu papel como guardiãs das sementes e da sustentabilidade ambiental. Maria José, da comunidade quilombola de Feijão e Posse, resume:

“Esse projeto é uma continuidade de vida. Nós, mulheres negras quilombolas, somos guardiãs das sementes e do cuidado — conosco, com o outro e com o planeta. Seguimos enfrentando o racismo e produzindo dentro do sistema agroecológico, fortalecendo a independência financeira e o livre arbítrio das mulheres do quilombo.”

O aprendizado adquirido se reflete também na consolidação das associações e redes de mulheres. A APOMEL mantém ações mensais com acompanhamento do Senac, além da parceria contínua com a Casa da Mulher do Nordeste, fortalecendo formações e ampliando o impacto das iniciativas. A experiência adquirida proporcionou mais preparo à diretoria, garantindo que novos



projetos possam ser executados com autonomia e organização.

Outras ações, como a construção de galinheiros e oficinas de fogões agroecológicos, transformaram-se em oportunidades concretas de geração de renda, empoderamento e fortalecimento comunitário. Maria Suely, do grupo Bom Sucesso, destaca:

“O grande legado é o empoderamento das mulheres. A oficina de construção de fogões despertou o interesse em construir seus próprios equipamentos e, com isso, surgiu uma nova profissão, um novo destaque para as mulheres na sociedade.”

EI TU SABIA QUE...

O fogão agroecológico é uma ferramenta desenvolvida pela Casa da Mulher do Nordeste em parceria com agricultoras do sertão do Pajeú, que contribui para a diminuição do desmatamento da Caatinga por substituir o uso de lenha por galhos e gravetos, fazendo as mulheres economizarem no dinheiro do gás, possibilitando mais autonomia além de provocar a discussão sobre a divisão justa do trabalho doméstico.



A Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú reforça o legado institucional do projeto. Mesmo após o encerramento do apoio do Fundo ECOS, as agricultoras seguem fortalecidas, com mais experiência em gestão de recursos, planejamento e atuação em rede. As capacitações em agroecologia, economia solidária, gênero e direitos das mulheres continuam inspirando novas ações e parcerias, consolidando a Rede como

espaço de incidência política e transformação social.

O Caatinga Viva não se despede, ele floresce. O legado se mantém vivo nas feiras, nas sementes guardadas, nos galinheiros e fogões construídos, e nos novos projetos que brotam da terra fértil do semiárido. Ele representa um compromisso contínuo com a autonomia das mulheres, a sustentabilidade ambiental e a força coletiva das comunidades, mantendo a Caatinga viva em cada gesto de resistência e cuidado.

Manoel dos Anjos, coordenador de articulação política do Centro de Educação Comunitária Rural (CECOR), que faz parte da Rede Pajeú de Agroecologia, comentou sobre a suma importância do projeto para o fortalecimento das ações em Rede nos territórios.

“Para além das organizações o projeto proporcionou a participação de organizações de agricultores ou seja de associações sindicatos que puderam se aproximar e somar junto a Rede de Pajeú de Agroecologia, além do monitoramento e acompanhamento dos projetos que estavam sendo desenvolvendo no Pajeú essa possibilidade de fortalecimento da ação em rede”

ESCOLA FEMINISTA

A Escola Feminista acompanha a Casa da Mulher há 8 anos. Como gostamos de dizer, é uma escola revolucionária, que transforma a vida de mulheres urbanas e rurais com o propósito de construir um espaço de oportunidade, de construção de conhecimento e de autoconhecimento. Tem como fundamento uma perspectiva feminista sobre o mundo, ampliando o modelo tradicional de conhecimento e colocando em centralidade os saberes ancestrais, para construir narrativas que valorizem a autonomia e o protagonismo dessas mulheres.

Já são 12 módulos e muitas experiências enriquecedoras vividas. As trocas nos fortalecem, enquanto organização, para seguirmos firmes em nosso propósito de transformação social.

Neide é moradora de Bom Sucesso, um dos territórios onde atuamos, e esteve conosco em 2024. Hoje, ela grita sem medo para o mundo como sua vida se transformou depois de se tornar sujeita e construtora de conhecimento:

“Eu criei força, eu criei coragem para falar, para nos defender, para me defender, porque eu cresci com o convívio de pais, de familiares, que diziam que mulher não podia falar, que mulher tinha que estar na cozinha, nos tanques, no fogão. E hoje eu vejo que o lugar de mulher não é na cozinha, nem no fogão e nem nas pias de prato. E sim, o lugar de mulher é onde ela quiser. Mulher tem que fazer o que quiser, andar onde quiser, vestir o que quiser.”

A Escola Feminista ganhou o mundo, e tem contribuído para transformar a vida de várias mulheres em seus diferentes territórios.



MURAL DE FOTOS



DADOS GERAIS DO PROJETO



10
organizações
apoiadas



383
famílias envolvidas
no projeto



125
homens
envolvidos
no projeto



279
mulheres
envolvidas
no projeto



210
famílias comercializando
produtos da sociobio com
apoio do PPP-ECOS



32
comunidades
participantes
no projeto



28
iniciativas para
a promoção da
gestão territorial



9
capacitações
promovidas
pelo projeto



139ha
Área total sob manejo
agroecológico



100ha
Área total sob manejo
para **restauração**



227ha
Área total sob manejo
para **extrativismo**